

Doutrina de Deus: Trindade (Parte 7): Panorama Histórico

3/4 - Arianismo

Seção 05 / Aula 07

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 25/05/2025, 10:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-08-31

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 05](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

A controvérsia ariana

Em nosso estudo sobre a Trindade já analisamos até agora a Cristologia do Logos dos primeiros apologistas gregos e, em seguida, o Modalismo. Agora chegamos ao tema do Arianismo. No ano 319 um presbítero da igreja de Alexandria, no Egito, chamado Ário, começou a propagar sua doutrina de que o Filho não é da mesma substância que o Pai. Você se lembrará que, de acordo com Tertuliano e outros pais da igreja que se opunham aos que negavam a plena divindade de Cristo, Cristo é da mesma substância ou essência que o Pai e, portanto, plenamente divino. Ário negava que Cristo fosse da mesma substância que o Pai. Em vez disso, ele dizia que Cristo havia sido criado pelo Pai antes do princípio do mundo.

Esse episódio marcou agora a grande controvérsia trinitária que ocuparia a igreja até o final do século e nos daria como resultado o Credo Niceno e os Credos Constantinopolitanos. Como resultado. Você se lembrará que Tertuliano pensava que o Logos foi gerado por Deus Pai no início da criação. Em contraste, teólogos alexandrinos como Orígenes defendiam que a geração do Filho (ou do Logos) a partir do Pai não teve início. Em vez disso, era uma geração eterna que sempre ocorreria. Ário pensava que a razão pela qual os teólogos ortodoxos eram tão contrários à sua visão de que o Filho teve um começo era porque ele afirmava que o Filho não existia eternamente.

Em sua carta a Eusébio de Nicomédia, ele afirmou: “O Filho tem um começo, mas Deus é sem começo.” Ele pensava que era por isso que os teólogos ortodoxos se opunham tanto a ele, porque ele afirmava que o Filho teve um começo. Mas isso não era correto. O próprio Tertuliano pensava que o Logos foi gerado em um determinado momento no tempo, antes da criação do mundo. O que os teólogos objetavam na visão de Ário não era tanto que o Filho tivesse um começo; o que eles objetavam era que esse começo não era uma geração, mas sim uma criação e que, portanto, o Filho era uma criatura. Ário negava que o Logos sequer existisse immanentemente dentro do Pai antes da criação do mundo.

Não havia sequer um Logos imanente, ou Palavra, ou Razão dentro de Deus antes da criação do mundo. Portanto, o início do Logos não era a partir da substância do Pai; o Pai criou o Logos do nada. Ele criou o Filho e, portanto, o Filho era uma criatura. Foi isso que os teólogos ortodoxos realmente acharam ofensivo. Atanásio, que se tornou bispo de Alexandria e foi um campeão da ortodoxia nicena, protestou que, na visão de Ário, Deus o Pai, existindo sem o Filho, carecia até mesmo de sua Palavra e de sua sabedoria. Ele não possuía essas qualidades imanes dentro de si. Isso é blasfêmia. Isto vem de seus Discursos Contra os Arianos – ele diz

que, na visão de Ário, o Filho é “uma criatura e uma obra, não própria da essência do Pai.” Fim da citação.

Isso era simplesmente blasfêmia, afirmar que o Filho é uma obra e uma criatura, não pertencente à essência do Pai.

O Concílio de Niceia e o credo

No ano 325, o Concílio de Antioquia condenou as visões de Ário. Eles condenaram qualquer um que dissesse que o Filho é uma criatura ou que o Filho é originado, criado ou feito, ou que não é verdadeiramente um descendente – isto é, alguém gerado, não criado. Eles condenaram qualquer um que dissesse que em algum momento o Filho não existiu. Mais tarde, naquele mesmo ano, 325, o imperador Constantino convocou um concílio ecumênico em Niceia. Ou seja, este não foi um concílio local. Este foi um concílio universal que reuniu bispos de todo o Império Romano para se reunir em Niceia e pronunciar-se sobre essa doutrina de Ário. O Concílio de Niceia então propagou a formulação credal da fé trinitária no Credo Niceno.

Vale mencionar que os arianos que estavam representados no Concílio eram muito poucos. Provavelmente havia apenas seis bispos arianos presentes no Concílio. Havia trinta bispos que estavam firmemente no campo de Atanásio – no campo ortodoxo. A grande maioria pertencia a esse tipo de campo centrista confuso que tinha cerca de 200 bispos e eles não sabiam o que estava acontecendo. Eles não conseguiam entender esse debate. Depois havia os semi-arianos, dos quais falaremos mais adiante – provavelmente cerca de setenta a noventa bispos estavam nesse tipo de campo semi-ariano. O que eles queriam dizer era que o Filho não é da mesma substância que o Pai, mas ele é semelhante em substância ao Pai.

Uma espécie de quase-divino, por assim dizer. O campo de Atanásio venceu e convenceu a grande maioria dos bispos a condenar o arianismo e a propagar a declaração da Trindade que confessamos hoje. E em seu folheto, você encontrará uma cópia desta declaração do credo. Vamos ler e depois comentaremos sobre ele. "Cremos em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, da mesma substância que o Pai, por meio de quem todas as coisas vieram a existir, coisas no céu e coisas na terra, que por nós, seres humanos, e por nossa salvação, desceu e se encarnou, tornando-se homem, sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus e virá para julgar os vivos e os mortos.

E no Espírito Santo." Portanto, cremos em um só Deus, o Pai, um só Senhor Jesus Cristo e no Espírito Santo – todos os três membros da Trindade. Então estão anexadas ao Credo estas condenações das proposições arianas: "Mas, para aqueles que dizem 'houve quando ele não existia' e 'antes de nascer ele não existia' e que 'ele veio à existência a partir do nada' ou que afirmam 'o Filho de Deus é de uma hipóstase diferente [vamos falar sobre isso mais adiante] ou substância, ou é criado, ou está sujeito à alteração ou mudança' – esses a Igreja Católica anatematiza." Essas proposições arianas são condenadas nesse sufixo ao credo.

A mesma substância

Vários aspectos desta declaração merecem comentário. Primeiro: observe que o Filho, e eu penso que por implicação o Espírito Santo, é declarado ser da mesma substância que o Pai. A palavra grega para isso é *homo ousios*. Desculpe, deveria ser um “o”. *Homo*, a palavra para “mesma”; *ousias*, da palavra para “substância”. Portanto, o Pai e o Filho (e eu penso que por implicação o Espírito Santo) são declarados da mesma substância. Ou seja, eles são da mesma essência. Eles têm a mesma natureza divina. Isso significa que o Filho e o Pai ambos exemplificam a natureza divina. Portanto, o Filho não pode ser uma criatura como Ário afirmava. Ário queria dizer que o Filho tem uma natureza diferente – *hetero ousios* – do Pai.

Hetero significando “diferente de”, como na palavra “heterossexual” (sexo oposto). *Hetero ousios*, uma substância diferente; enquanto os ortodoxos afirmavam a mesma substância, a mesma essência. Mencionei os semi-arianos que estavam presentes no Concílio. Eles defendiam a palavra *homo ousios* para descrever a relação do Pai e do Filho, significando que eles eram semelhantes em essência. Eles temiam que, ao dizer que eram da mesma substância, isso implicaria no Modalismo – que não havia diversidade de pessoas na Divindade. Então eles queriam dizer que ele não é de uma essência ou substância diferente, mas que é de uma substância semelhante. Havia um mundo de diferença que residia neste único *iota - i* - que distinguia *homo ousios* de *homo iousios*.

Com *homo ousios*, o Filho é plenamente divino. Ele é Deus. Com *homo iousios*, ele não é divino. Ele não possui a essência divina. Ele é simplesmente semelhante ao Pai e, portanto, assim como os arianos, eles afirmavam que o Filho, na verdade, é uma criatura e uma obra, o que era blasfêmia. Algum comentário ou pergunta sobre o significado dessas palavras no Credo? Não. Certo.

Gerado, não criado

Segundo ponto. Observe que o Filho é declarado como gerado, não criado. O credo diz que ele é Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado. Isto é o vestígio da antiga Cristologia do Logos dos apologistas gregos que sustentava que o Logos é gerado em sua natureza divina a partir do Pai, mas não criado. Observe que isso é dito com relação não à natureza humana de Cristo, mas à sua natureza divina. Em sua própria divindade, ele é gerado do Pai. Portanto, assim como os produtos das gerações naturais que são gerados compartilham a mesma natureza de seus pais – gatos geram gatos, cães geram cães, pessoas geram pessoas – assim o Filho e o Pai compartilham a mesma natureza divina, porque o Filho é gerado do Pai, não criado pelo Pai.

A declaração de Niceia se baseia em um rascunho de credo que foi proposto por Eusébio de Cesareia. Este não é o Eusébio de Nicomédia para quem Ário escreveu, que citei antes. Este Eusébio é da cidade costeira em Israel chamada Cesareia. Você ainda pode visitar as ruínas desta cidade hoje em uma viagem a Israel e ver as ruínas dessa grande cidade portuária de Cesareia Marítima, ali na costa do Mediterrâneo. Foi aqui que Eusébio de Cesareia viveu e trabalhou. Em seu rascunho inicial do Credo, ele usou a palavra Logos em vez de Filho. Portanto, sempre que você vê a palavra “Filho” no Credo Niceno, no rascunho de Eusébio ele usava a palavra Logos.

O Logos é declarado como gerado do Pai antes de todos os séculos. Isto é, como eu disse, o legado dessa antiga Cristologia do Logos dos apologistas gregos. Observe, de forma semelhante, nas condenações que estão anexadas ao final do Credo Niceno, eles rejeitam a visão de que essa geração teve um começo. A geração é eterna. Eles dizem que condenam aqueles que dizem “houve quando ele não existia” ou “antes de nascer ele não existia”. Eles anatematizam qualquer um que diga que esse gerar do Filho ou do Logos em sua natureza divina não é eterno, mas teve um começo. Atanásio, em seu tratado Quatro Discursos Contra os Arianos, usa um jogo de palavras muito sutil e interessante para diferenciar entre o Pai e o Filho nesse aspecto.

É realmente um trocadilho. Ele diz que o Pai e o Filho são ambos agenetos (agenetos significa incriado ou não originado – nunca veio a existir). Isto é algo que nunca veio a existir. Ele diz que o Pai e o Filho são ambos agenetos. Por outro lado ele diz que somente o Pai é agennetos com dois “n”. Esta é uma palavra diferente, e isso significa não gerado. Com dois “n”, somente o Pai é agennetos, não gerado. O Filho é gennetos, com dois “n” – ele é gerado. Assim como havia um mundo de diferença com aquele único iota - i - entre homo iousios e homo ousios, assim há um mundo de diferença entre agenetos (com um único “n”) em grego, e agennetos com dois “n”.

O Pai e o Filho são ambos agenetos no sentido de incriados, nunca houve um tempo em que eles vieram a existir, mas somente o Pai é não gerado no sentido de agennetos. O Filho é gennetos ou gerado do Pai.

Discussão: derivação e eternidade

Alguma pergunta sobre essa terminologia ou os conceitos envolvidos? Sim. Aqui embaixo. Vamos te passar o microfone. Jim. Aluno: Os exemplos que você deu de uma criança sendo gerada de seus pais implicam uma precedência. Em outras palavras, os pais estavam lá e então a criança estava lá. Pessoalmente, eu tenho dificuldade com a palavra “gerado” – o que ela realmente significa; o que você está dizendo é que Deus estava lá e Cristo veio de Deus sendo uma precedência, e como você conecta isso a João 1 que é “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”? Dr. Craig: Boa pergunta. Sim, há uma precedência aqui, mas não é cronológica.

Não é uma precedência temporal. O Filho deriva do Pai. É uma precedência de derivação. O Pai não deriva de ninguém. Ele não deriva do Filho. Mas o Filho, nessa visão, de fato deriva do Pai. O Pai precede o Filho, não em um sentido temporal ou cronológico, mas no sentido de que ele é não derivado, enquanto o Filho é derivado. Os exemplos que os pais da igreja costumam usar, que eu já mencionei antes, seriam coisas como o relacionamento entre o sol e seus raios. O sol nunca pode existir sem seus raios. Ele está sempre emanando sua luz solar. Mas claramente o sol não deriva de seus raios. Os raios derivam do sol. Então, se o sol existiu desde a eternidade, os raios do sol – os feixes do sol – também existirão desde a eternidade.

Então, mesmo que sejam derivados, eles não têm um começo cronológico. Aluno: É isso que eu estou lutando um pouco para entender. Algo sendo derivado de algo, por definição, não significa que há um aspecto temporal nisso? Dr. Craig: E quanto à ilustração do sol e seus raios? Para mim, isso parece uma boa ilustração. Aluno: O que na verdade produz os raios solares é obviamente a reação química que acontece no sol. Sem essa reação química ocorrendo, não há raio subsequente que aconteça. Portanto, há uma sequência mesmo nesse exemplo que você

deu. Dr. Craig: Você está importando a ciência moderna para o exemplo, que, obviamente, eles não tinham. Eles não sabiam sobre fusão nuclear nem nada desse tipo.

A ideia ali, no entanto, penso que, em um nível popular, parece ser bem clara de que você poderia ter algo que é derivado de outra coisa sem qualquer tipo de precedência cronológica. Por que, se há um tipo de dependência ontológica, isso precisa ter um começo cronológico? Não vejo por que isso precisaria. Certo. Agora, acho que havia um comentário aqui na frente, do Jim. Aluno: Quem foi que usou as terminologias de *agenetos*? Dr. Craig: Isso foi Atanásio. Na verdade, é bastante universal entre os teólogos ortodoxos essa distinção entre *agenetos*, significando não criado, e *agennetos*, significando não gerado. Mas você pode encontrar isso especialmente em Atanásio.

Aluno: Dr. Craig, podemos pensar em... impulsiona o sol com seu tempo como isso? A Bíblia diz "no princípio", e esse princípio não é o princípio de Deus, mas o princípio do homem. E, portanto, ao se relacionar conosco, Deus traz uma dimensão mais elevada para uma série, usando o tempo para medir esse progresso, essa progressão, e onde o Filho, Cristo, existe com Deus antes da humanidade. Porque tudo, todas as coisas são visíveis e tangíveis. As coisas vêm do Filho, que, na verdade, como o tempo, estava com Deus. E então agora, mais tarde, por causa da humanidade, torna-se uma entidade, uma entidade tangível. Dr. Craig: Acho que essa é a ideia.

O princípio aqui não é apenas o princípio da humanidade. É o princípio de todo o mundo. João entende que todo o cosmos passou a existir através do Logos. O mundo foi feito através do Logos. No princípio, havia apenas Deus e sua Palavra. Então o mundo foi criado através do Logos. Mas como resultado das especulações desses primeiros apologistas gregos, eles pensavam no Logos como de alguma forma derivado de Deus Pai. Aluno: Eu concordo, e para fins funcionais (funcional para o propósito do homem físico e sua responsabilidade). Dr. Craig: Eu entendo a distinção. Não estou me comprometendo com essa visão. Estou apenas explicando a visão. O que você está sugerindo é que talvez não haja um tipo de derivação ontológica do Filho a partir do Pai.

Talvez não devêssemos introduzir isso na Divindade. Talvez eles sejam apenas coeternos, coiguais, mas há uma espécie de submissão funcional do Filho ao Pai por causa do plano de salvação. Havia alguns pais da igreja que sustentavam uma visão assim. Mas essa não era a visão majoritária. A visão majoritária, por causa dessa influência desses apologistas gregos, era de que havia esse tipo de derivação dentro da Divindade – o Filho derivando do Pai. Além disso, não falamos sobre o Espírito Santo, mas o Espírito Santo também sendo derivado, procedendo do Pai e do Filho. Vamos ver se há alguém que ainda não fez uma pergunta ou comentário. Aluno: Do modo como vejo isso, Jesus sempre imita Deus Pai.

Isso faz sentido para mim, no qual Jesus sempre diz, "Seja feita a vontade do Pai, não a minha." Mas quando se diz que ele está imitando, isso soa como se Deus Pai fosse a pessoa maior dos três. Isso não faz sentido para mim. Dr. Craig: Essa é uma tensão dentro da ortodoxia que imagino que alguns dos pais da igreja gostariam de afirmar, – que o Pai é maior que o Filho no sentido de que o Pai não é apenas *agenetos* (não criado) mas também não gerado, enquanto o Filho tem uma espécie de ser derivado. O Pai é a fonte do Filho e, portanto, o maior de todos. Alguém perguntou outro dia sobre o versículo em que Jesus diz: "O Pai é maior do que eu."

Acho que, para o partido ortodoxo em Niceia, eles não teriam nenhum problema com uma declaração assim, porque eles viam o Filho como gerado do Pai.

Mas isso não é uma criação. Isso é a coisa importante a ter firmemente em mente. Ambos são Deus, da mesma forma que, como eu digo, os filhotes são cães tanto quanto seus pais, ou os gatinhos são felinos tanto quanto os gatos que lhes dão à luz. Eles compartilham da mesma natureza, mas o Filho é gerado do Pai.

Essência e hipóstase

Certo, vamos seguir para o terceiro ponto que eu queria destacar hoje sobre esta declaração. Observe a condenação no final. “Aqueles que dizem que Cristo é de uma hipóstase ou substância diferente do Pai.” Esta cláusula gerou grande confusão e controvérsia dentro da igreja primitiva. *Hypostasis* é uma palavra grega que é etimologicamente semelhante e, portanto, sinônima da palavra latina *substantia*, ou “substância”. Você pode ver isso etimologicamente – *hypo* significa “sob”, como em agulha hipodérmica (que vai sob a pele). Ou hipotermia – sua temperatura diminui. *Hypo* significa “sob”. Significa a mesma coisa em latim que *sub* significa, como submarino que vai sob a água.

Em latim, *sub* significa a mesma coisa que *hypo* em grego. *Stasis* e *stantia* são, respectivamente, as palavras grega e latina para “estar de pé sob algo.” Uma *hypostasis* é algo que está de pé sob algo. Uma substância (*substantia*) é algo que está de pé sob algo no sentido de que são portadores de propriedades. Elas existem em si mesmas. As propriedades existem nessas substâncias. Elas são possuídas por essas substâncias. Uma *hypostasis* e uma substância pareceriam ter o mesmo significado. Essas duas palavras parecem ser apenas o grego e o latim da mesma coisa. Embora o Credo Niceno tenha sido redigido em grego, o significado de seus termos é latino.

Está em grego, mas eles entendem *hypostasis* como tendo o mesmo significado que *substantia*. Portanto, eles condenam aqueles que dizem que há uma pluralidade de *hypostasis* em Deus. Há apenas uma substância em Deus, certo? Deus é uma substância. Então eles condenam qualquer um que diga que há mais de uma hipóstase ou *ousia* – substância – em Deus. O problema é que, para os teólogos nativos de língua grega da parte oriental do Império Romano, onde o grego era a língua, não o latim, eles não entendiam *hypostasis* como sinônimo de *substantia*. Para eles, uma *hypostasis* significava simplesmente um indivíduo concreto, um portador de propriedades.

Por exemplo, Gregório de Nissa, um dos grandes pais da igreja grega, explica que uma *hypostasis* “é aquilo que subsiste e é especialmente e particularmente indicado por um nome.” Por exemplo, Paulo. Paulo é o nome de uma *hypostasis*, um indivíduo. Esse indivíduo está em contraste com *ousia* em grego, que é a essência de algo. Então eles diriam que Paulo, Jim e Cindy têm todos a mesma *ousia* – eles têm todos a mesma essência – mas são *hypostasis* diferentes – indivíduos diferentes exemplificando essa essência ou possuindo essa natureza. Portanto, dizer que não há *hypostasis* distintas em Deus é endossar o Modalismo. É dizer que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos a mesma pessoa.

Isso estava obviamente errado. Claramente há *hypostasis* distintas na Trindade, porque elas têm propriedades diferentes. Por exemplo, apenas o Pai tem a propriedade de ser não gerado,

enquanto o Filho tem a propriedade de ser gerado. Portanto, há indivíduos diferentes na Trindade. Eles possuem propriedades diferentes. Para esses teólogos orientais, a declaração do Credo Niceno que condena aqueles que dizem que o Filho é uma *hypostasis* diferente do Pai soava como Modalismo – como se todos fossem a mesma pessoa. Isso levou a enorme confusão e debate. Finalmente, após décadas de debate, a confusão foi finalmente resolvida no Concílio de Alexandria, em 362.

Naquele concílio, eles afirmaram a doutrina do *homooúsios* – há uma substância, uma essência, em Deus – mas permitiram que houvesse três *hypostasis* divinas diferentes. Eles reconheceram o entendimento grego do que é uma *hypostasis*. Não é um sinônimo de substância. Pelo contrário, uma *hypostasis* é um indivíduo concreto que possui ou exemplifica uma natureza. Eventualmente, a igreja veio a reconhecer que em Deus há uma substância com três *hypostasis* – três indivíduos. O Credo Niceno que afirmamos hoje não é o mesmo daquele original que condenava aqueles que diziam que havia mais de uma *hypostasis*. O que afirmamos, e que foi promulgado posteriormente, afirma que há uma pluralidade de *hypostasis*.

Discussão: criação e revelação

Agora, alguma pergunta sobre essa controvérsia que dividiu a igreja e como ela foi resolvida? Aluno: Como você reconcilia o Antigo Testamento com a pluralidade da criação nas palavras que estão em hebraico, onde Deus Pai e o Filho estavam presentes na criação? Há palavras que são usadas – a forma plural em hebraico – no Antigo Testamento. Dr. Craig: Mesmo o Espírito é mencionado em Gênesis, capítulo 1, acho que versículo 2, onde diz que o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. Eles diriam que o Filho está implicitamente envolvido na obra da criação, mesmo que na antiga aliança ele não seja explicitamente mencionado. Porque, afinal, isso ainda não havia sido totalmente revelado.

Eles acreditavam que a revelação completa de Deus levou tempo até Cristo. Então, no Antigo Testamento, você tem declarações sobre Deus que não diferenciam claramente os membros da Trindade. Certo, bem, com isso chegamos ao fim do nosso tempo. O que queremos fazer na próxima vez é examinar mais de perto exatamente o que eram essas hipóstases que foram afirmadas na Divindade. Há um só Deus, uma substância, e então há essas três *hypostasis*. O que são elas? É isso que vamos analisar na próxima vez.

Oração final

Então, vamos encerrar com uma palavra de oração. Pai Celestial, obrigado pelo tempo juntos para refletir sobre os gigantes que vieram antes de nós, sobre cujos ombros estamos. E oramos, Senhor, que, ao entrarmos nesta semana, Tu nos sustentas pelo Teu Espírito Santo, dá-nos a graça do Senhor Jesus Cristo para Te adorar e servir com todo o coração e mente disposta. Amém.

Referências

William Lane Craig. Doctrine of God: Trinity (Part 7): Historical Survey (3) | Arianism. Defenders, série3. Reasonable Faith, 2016.
Bíblia Sagrada, Nova Almeida Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
Ário. Carta a Eusébio de Nicomédia, citada na aula.

Atanásio. Orations Against the Arians (Discursos contra os arianos), 1.3.9, localização fornecida pelo original inglês; também chamado na aula Four Discourses Against the Arians.

Credo de Niceia(325) e seus anátemas, reproduzidos e comentados na aula.

Eusébio de Cesareia, proposta de credo mencionada; documento/edição não identificados na aula.

Gregório de Nissa, definição de hypostasis citada; obra/edição não identificadas na aula.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original:

<https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-doctrine-of-god-trinity/doctrine-of-god-trinity-part-7/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-trindade-parte-7/>